

## **TRANSCRIÇÃO (Português)**

**Filme: A Terceira Margem**

**Diretor: Fabian Remy**

**Produtor: André Hallak**

**Produção: Trem Chic Cinevideolab**

### **Observações:**

- em azul: as falas em som direto
- em preto: a narração em off
- há um pulo de linha para cada mudança de cena
- as falas em língua Kayapó constam já traduzidas em português – o tradutor poderá se pautar pela legendagem temporária que está no vídeo
- algumas observações estão entre parênteses

\*\*\*

Hoje a tarde, contemplava essa solidão.

Quando notei além e muito ao longe  
algumas colunas de fumaça.

“Que é aquilo?” Perguntei eu.

Ao poente, responderam-me,

São as aldeias dos Xavante do Rio das Mortes

ao sul, a dos Kayapó,

ao norte, a dos Canoeiro.

Os primeiros são os que infestam

a estrada de Cuiabá,

os segundos, robustos e ferozes, declaram

que dos brancos só desejam ver o sangue,

os terceiros combatem sem recuar,

não dão trégua ao inimigo

e nem aceitam a vida quando,

por acaso, são presos.

Era severa e melancólica essa cena.

Bom dia.

Bom dia.

O cacique foi lá na beira. Vai voltar já.

Bedjai?

Vou chamar o cacique lá.

Senta aí.

Uhum.

Olha, eu guardei munição para o seu marido.

E de onde vem essa equipe de filmagem?

O quê?

Que tipo de trabalho eles estão fazendo?

Eles estão aqui para fazer

um documentário sobre o seu tio.

O João...

o João morou aqui, por aqui?

Ele morou aqui nessa aldeia?

É, morou aqui. Aqui que foi. E aqui que foi.

O cemitério dele está aqui comigo, está aqui ó.

O cemitério dele está aqui?

É.

E ele falava... falava Kayapó, tudo?

Falava tudo.

Aprendeu tudo que nós temos.

Porque cresceu no meio da gente, né,  
aprendeu tudo.

Então, as pessoas...

naquele tempo, as pessoas viviam  
só brigando.

Só brigas, só brigas.

É, só brigas. Brigas entre eles,  
entre outros parentes e brancos.

Porque, primeira coisa, quando o português chegou,  
ficou inimigo nosso.

Aí a gente também ficou inimigo deles.

Também?

É.

Aí não parou de brigar com branco  
porque mataram muita gente nossa, muita.

Carregou crianças e mulheres.

Aí o índio nunca esquece,  
nunca esqueceu.

Aí vem brigando.

Por isso que a pessoa pega.

Quando ele ataca pai e mãe, ele é  
obrigado a pegar a criança para criar, né?

É, porque se não fica sem  
pai e sem mãe, a idéia é essa?

Então, é, ficam com dó, é...

aí carrega, porque... pra lembrança.

De lembrança, né?

É, de lembrança também.

Quem é guerreiro, tem lembrança, né?

Tem que mostrar a lembrança.

Falar ó: "Aquele lá, pegou, brigou,  
pegou criança para criar."

Por isso que o pessoal pega.

Foi assim que pegou o João...

Meu pai pegou o João.

*Em 1940, o presidente Getúlio Vargas  
lança a Marcha para o Oeste,  
com a intenção de ocupar o Brasil Central,  
povoado por tribos indígenas.  
Treze anos mais tarde,  
quando os irmãos Villas-Bôas realizam*

*a chamada pacificação dos temidos  
índios Kayapó no rio Xingu,  
eles avistam um jovem  
sem traços indígenas  
no meio da tribo.*

*Ele se chama João Kramura.*

*João foi roubado de seus parentes  
pelos Kayapó quando tinha dez anos de idade,  
em 1945.*

*Logo após o contato com  
os irmãos Villas-Bôas,  
ele perde outra família.*

*Há muito tempo, desejo fazer  
um filme sobre João.*

*Em 2005, fui até o Xingu para encontrá-lo  
e descobri que ele tinha morrido poucas semanas antes.*

*Anos depois, conheci Thini-á.*

*Thini-á nasceu na tribo Fulni-ô  
e deixou sua aldeia com 15 anos de idade.*

*Desde então, ele vive nas metrópoles do Brasil.*

*Thini-á e João são de tribos  
e regiões diferentes,*

*mas compartilham a experiência  
de transitar entre dois mundos.*

*Convido Thini-á a me acompanhar  
até o Brasil Central,  
em busca do passado de João.*

*Espero que ele possa me guiar pelos meandros  
de uma cultura que me é estranha.*

*Eu vi...*

*o branco matar meus tios*

*os dois irmãos de minha mãe, sabe,*

assim na minha frente.  
Então, toda essa... essa tristeza eu tinha  
e eu queria transformar aquilo ali...  
em outra coisa, aquela raiva  
que eu tinha, aquele ódio,  
aquela revolta,  
né...  
quando queimaram nossas casas,  
os fazendeiros queimaram as casas.  
E...  
Sem fazerem nada, sem... O que nós fizemos?  
Aquilo pra mim era muito injusto  
até porque eu não compreendia o porquê.  
Porque não tinha um porquê.  
Não, hoje eu compreendo o porquê,  
mas na época eu não entendia.  
E para que eu transformasse isso  
eu tinha que sair  
e sem direção e sem rumo.  
Porque eu sabia que eu não poderia ficar ali.

O João, ele foi roubado lá do outro lado do rio Tapirapé,  
mas nessa época não havia ninguém,  
era quando as pessoas estavam  
chegando e entrando, né?  
Então eles foram avisados pelo meu pai  
que tivessem cuidado porque  
ali era terra deles, do índio,  
que eles ficassem espertos.  
Aí eles queriam fazer os ranchos,  
foram tirar palha do lado de lá do rio Tapirapé.  
Então eles mandaram os meninos.  
Quando eles estavam lá recolhendo  
as palhas os índios apareceram,

aí pegaram ele, o João Kramura, né.  
Aí carregaram ele e  
mataram o outro e deixaram lá.  
Sei.  
Aí eles... passou da hora de chegar,  
aí o pessoal se preocupou, né?  
Os moradores lá: "Vamos ver o que aconteceu".  
Aí foram lá e acharam, né.  
Mas os índios já tinham saído e  
levaram o João Kramura pra aldeia.

*João e seu irmão José perderam os pais cedo.  
Foram criados pela irmã mais velha, Joana,  
e por seu marido Antônio Barroso.  
Em 1940, se mudaram para Luciara,  
a primeira comunidade não-indígena  
fundada no médio Araguaia,  
no estado do Mato Grosso.*

Quando levaram o João, assim,  
o senhor estava aonde?  
Quando o senhor recebeu a notícia...  
Nós tava em casa.  
A coisa que eu nunca esqueci foi...  
foi o dia em que os índios pegaram ele,  
carregaram ele.  
Aquele...  
Aquele trem ruim que a gente tinha,  
De ter um irmão da gente sumido  
e a gente pensando a situação dele  
como é que estava:  
sem coberta, sem nada.  
Aquilo para a gente foi muito difícil.  
Naqueles dias, era muito difícil  
a gente se controlar,

muito choro da minha irmã mais velha.  
A gente que é menino logo...  
a gente vai engrossando a memória do acontecido,  
mas a pessoa mais de idade é difícil esquecer logo, né?  
Fica muito tempo chocado com aquilo.  
Foi muito difícil.  
E aí, meu tio juntou-se com meu cunhado  
e mais uns homens  
e saíram procurar se encontravam,  
mas infelizmente não acharam o roteiro deles.

Eu não tinha muita mala.  
Eu me lembro que eu não tinha nem roupa direito.  
Tinha dois shorts, dois calçõeszinhos.  
Eu não tinha muita roupa, eu não tinha... né?  
Muito pouco.  
Então era uma mochilinha,  
era muito simples,  
Não tinha muito o que carregar.  
E aí...  
eu me lembro que eu fiquei  
deslumbrado com Brasília,  
eu vi aqueles prédios bonitos,  
achei que os brancos eram todos unidos,  
que se gostavam muito.  
Isso já me impressionou. Eu disse:  
“Nossa!” Pela arquitetura, né...  
a arquitetura do lugar,  
as casas uma em cima da outra,  
os prédios, né. Eu disse assim:  
“Nossa, tão bonito! Eles se gostam tanto  
que moram tudo um em cima do outro.”  
Eu entendia dessa forma.  
A união né, aquilo me remetia a

uma união, o tipo de arquitetura.  
E eu fiquei feliz, eu pensava assim:  
“Eu tenho que...  
eu tenho que penetrar nesse meio.  
Eu tenho que entrar nesse meio.”

Você é o quê dele?

Ele foi seu filho?

Meu sobrinho, ele foi como meu sobrinho.

Foi o meu irmão Kromare que raptou ele.

Seu tio e seu pai, eles juntos  
capturaram ele na primeira ida.

E mataram um branco, eles acharam  
que o rapaz estava armado...

Mataram o branco desarmado,  
e trouxeram o menino.

A senhora lembra a primeira vez  
que pintaram ele,

- com pintura Kayapó, que deram um cocar pra ele,  
que fizeram algum ritual pro João?

Quando o João chegou,  
quem é que pintava ele?

Quem o pintou?

Fizeram um cocar para ele?

Sim, seu pai fez um cocar  
para ele, e ele usou.

E ele até dançava o ritual  
para brigar com o branco.

Ele brincava com os que  
tinham a mesma idade.

Quem são eles?

Foi com Ngotyk...

Ngotyk e...?

Seu primo Ropni?



Sim, também junto com seu tio  
que o homem branco matou.  
Aí, o próprio João cantou a música de guerra  
para matar o branco.  
Foi isso que o João cantou.

*Ao fazer o primeiro contato com os Kayapó,  
em 1953, no rio Xingu,  
os irmãos Villas-Bôas queriam antecipar  
o inevitável choque com as frentes  
de expansão agropecuária  
que avançavam pelo Brasil Central.  
Um choque que seria devastador para a tribo.  
João não aparece no filme que registra o contato.*

Nessa época não existia chinelo.  
Vamos viver como eles viviam na época:  
sem chinelos!  
Amanhã eu vou catar os chinelos de todos.  
Você pode catar todos,  
assim as mulheres vão dançar descalças.  
Elas vão ter que dançar descalças.

Orlando fez o primeiro contato  
com o meu povo aqui.  
Aqui que eles encostaram o barco.  
E, é nesse lugar aqui que as mulheres...  
estavam dançando, para...  
para Orlando Villas-Bôas,  
para a equipe dele, né?  
Para a equipe dele?  
É.  
E aí... deve ter sido difícil né?  
Na época...

Sarampo – você falou que morreram muitos...  
É, uma parte ruim é que...  
aquele pessoal todo que estava  
dançando aqui naquele tempo, né...  
um ano depois acho que  
pegaram uma gripe e  
morreu todo aquele pessoal  
que a gente assistiu ontem.  
Os que tiveram contato, morreram todos?  
É, com o Orlando... aqui, nessa aldeia aqui.  
Então...  
Meus pais precisaram fugir com nós,  
para nós não morrer.  
E foi aqui que Orlando,  
no segundo ou terceiro contato,  
ele encontrou com o João.  
Quando Orlando falou em levar o João,  
ele não queria ir, né? Mas meu tio Krumare  
conversando com outro tio meu...  
Convenceram ele...  
Convenceram ele a ir,  
para trazer material... material do homem branco.  
Teve uma negociação?  
Teve, é. Aí ele levou o João.  
Levou o João junto?  
É, levou o João junto,  
aí deixou ele para lá.  
Aí só o meu tio Kumare voltou para cá.  
Aí meus pais perguntaram pra ele: "Cadê, cadê?"  
"E o João?"  
"Ah, ele ficou com os parentes."

*Depois de passar oito anos entre os Kayapó,  
João foi levado de avião até Luciara.*

*Ele tinha 18 anos e usava um botoque no lábio.  
Orlando Villas-Bôas considerava que  
João ainda era jovem o bastante para  
se readaptar à sociedade de onde foi tirado.*

*A caminho de Luciara,  
Thini-á me fala do Ouricuri,  
o ritual Fulni-ô que o faz voltar  
todos os anos para a sua comunidade.  
No ritual, a tribo inteira deixa a aldeia  
e se isola do mundo durante três meses,  
vivendo de acordo com os costumes ancestrais.*

Eu desapareci.  
Minha mãe foi a São Paulo.  
Uma velhinha daquela, de ônibus, três dias de viagem...  
E ia no programa do Silvio Santos,  
para me achar.  
Para você ter noção da situação.  
Eu provoquei isso, eu tenho essas...  
E ninguém consegue compreender isso.  
De onde vem o julgamento, né?  
Muitos dizem a mim, entende,  
que eu abandonei o ritual...  
fiquei dez anos, porque ninguém faz...  
Realmente, é difícil alguém fazer isso, né:  
Ficar dez anos sem ir ao ritual Fulni-ô,  
porque é muito forte para nós, né?  
Eles não conseguem compreender...  
a coragem que eu tive.

Seu doutor, me dê licença  
Pra minha história contar  
Eu tô vindo do Nordeste

E é bem triste o meu penar  
Mas já fui muito feliz  
Vivendo no meu lugar  
Eu tinha um cavalo bom  
Gostava de campear  
E todo dia aboiava  
Na porteira do curral

Ê vaca Estrela  
Ô meu boi Fubá

Eu sou filho do Nordeste,  
Não nego meu natural  
Mas uma seca medonha  
Me tangeu de lá pra cá

*Orlando Villas-Bôas descreve detalhadamente  
a volta de João para Luciara  
no livro "Marcha para o Oeste".*

*Ele escreve:*

*"A notícia correu célere e em pouco  
estava cheia a casa do nosso hospedeiro.*

*Boa parte era de parentes do João.*

*Um movimento lá fora nos chamou a atenção.*

*Perguntamos o que havia.*

*"Cumpadre Antônio tá chegando",  
respondeu um.*

*João se levantou e nos surpreendeu  
recebendo festivamente Barroso,  
seu cunhado e padrinho.*

*Momentos depois entrava Joaninha,  
mulher de Antônio, irmã e madrinha de João.*

*O afilhado sorriu desanuviado  
e retribuiu o abraço da irmã.*

*A cena foi rápida.  
Joaninha desapareceu apressadamente  
pela porta do fundo, bastante emocionada."*

Se o senhor foi criado aí,  
o senhor sabe da história do João?  
Sei, a história do João Kramura, eu sei.  
Quando ele voltou o senhor  
estava presente?  
Estava, aqui ó, morei aqui toda a vida.  
Sim, aí ele não sabia conversar...  
Não sabia não.  
Aí foram conversando com ele..  
Até que ele voltou de novo a falar,  
desse jeito.  
Tímido... falava a língua Kayapó?  
É, só Kayapó.  
Ele falou assim: "meitira".  
"Meitira" é bonito.  
"Ingrá" é banana.  
"Karpon" é jabuti,  
ele me ensinou um pouco.  
O João?  
É, conversava muito com ele, trabalhávamos juntos,  
ele me falou.  
Aí "bacuni menê" é fazer "coisa", né?  
É fazer sexo.  
É, sexo.  
"Bacuni"?  
"Bacuni menê".  
Entendi.  
Mas ele... ele não sabia cantar.  
Só música de Kayapó?  
Só Kayapó.

Música de branco ele não cantava?  
Não! Não tinha mais jeito não, moço.  
Outra coisa ele não sabia.  
Ele aprendeu só aquilo.  
Os índios vinham aqui, ó.  
Nós cantávamos.  
Os índios faziam fila assim ó...  
Tudo com as mãos...  
Solta para você ver.  
Era assim.  
Cantei muito com eles aí.

*Para visitar João, os Kayapó atravessavam a pé os 250 km de distância entre o Xingu e Luciara. A tribo, até então temida em toda a região, se tornou familiar para os moradores do vilarejo. Involuntariamente, João se tornou o elo entre as duas comunidades.*

Aí, os índios descobriram que ele...  
vieram e acharam ele aqui.  
Aí todo anos os índios vinham visitar ele aqui.  
Passava era dias dormindo dentro de casa aí mais nós. (Nota: “mais “aqui significa “com”)  
A gente ia banhar.  
Meu pai tinha a liberdade de deixar a gente ir banhar no rio Araguaia ali mais eles. (Nota: “mais “aqui significa “com”)  
Eles levavam a gente nas costas e traziam.  
Era.  
E o João junto.  
Quando eles chegavam aqui, não largavam o João para nada.  
Era junto, para todo lugar.  
Rapaz, eu ficava olhando como eles são fortes, né?  
Saíam do Xingu e vinham aqui a pé.

Todo ano, eles faziam essa missão.  
Eu me pergunto assim: quando o João voltou,  
para Luciara – que hore é “Luciara”, que era “Mato Verde”.  
Era Mato Verde, era.  
Ele... Ele tinha vontade...  
Será que ele se adaptou  
ou tinha vontade de voltar para...  
para os Kayapó?  
Ele tinha vontade de voltar, por ele mesmo.  
Aquela vontade assim de voltar.  
Ele tinha vontade.  
Ele já estava adaptado lá e...  
E ele ficou que...  
Ele não ficava assim no meio de gente.  
Não gostava.  
Mas vocês perguntavam por quê ele tinha vontade,  
por quê ele queria voltar?  
Ele disse que via muita coisa bonita na floresta.  
Eles saíam naquelas caçadas de porcão,  
aquelas coisas, ele contava para nós.  
E toda vez que eles iam,  
levavam ele naquelas aventuras.  
E ele falava.  
Aí, até que levaram ele de uma vez

*Em 1963, depois de passar dez anos  
longe da sua tribo adotiva,  
João voltou ao Xingu.  
Se ele era tão apegado aos Kayapó,  
porque não deixou Luciara  
logo na primeira visita da tribo?*

Aí você é casado com uma Fulni-ô lá na aldeia?  
Não.

Eu moro há muito tempo no Rio.

Ah, você mora no Rio.

É, no Rio de Janeiro.

Trabalhando nas escolas...

Ah.

Levando a cultura para dentro das escolas,  
das universidades. Entendeu?

Ah tá.

O pessoal da cidade tem muito preconceito com...  
com os Karajá daqui de...?

Não.

Tem não?

Tem não.

Porque lá na gente tem, entendeu?

Tem?

Tem.

*Thini-á me diz que está com saudade da filha, Nahyra.*

*Ela mora no Rio de Janeiro com a mãe,  
que não pertence à tribo Fulni-ô.*

*Thini-á se arrepende de não ter  
iniciado Nahyra ao Ouricuri  
quando era pequena.*

*Só assim ela poderia participar do ritual  
reservado aos membros da tribo.*

Oi. Hayaya. Hayaya.

O quê?

Hayaya?

Hayaya.

Hayaya.

Quer um biscoito?

Minha mãe fez hoje.



Não.

E aí, você está boa?

Hum?

Você está bem?

Você está bem?

Vo-cê-es-tá-bem?

Tô bem, e você?

Eu tô longe, na mata.

Tá muito quente aí no Rio?

Não, aqui tá frio, na verdade.

Tá frio?!

E aqui é um calor infernal!

Muito quente!

Pense! Mato Grosso é quente.

Aí eu tava aqui no calor e disse assim:

“Eu queria ver Nahyra, eu... vou botar um...  
vou ligar.”

Aí eu procurei uma lan-house aqui,

só que eu não conseguia por conta de que não tava...

...não tava verdinho.

Que eu só sei que se estiver verdinho, ele está.

Se não estiver...

Que eu não mexo muito com isso.

Agora a imagem ficou boa,

agora estou te vendo bem.

Mas tava meio turvo,

tava um negócio meio...

A câmera...

É porque as vezes...

A câmera...

É, as vezes dá uns tilt aí e eu não consigo...

Ah, normal... deve ser a conexão...

Mas...

Você está me vendo perfeito aí?

*Depois do show na praia de Luciara,  
Thini-á me mostra as fotos que  
tirou dos jovens das aldeias vizinhas.  
Ele me diz que vê tristeza nos retratos  
e que cruza com os mesmos olhares  
entre os jovens da sua aldeia.*

Eu me recordo de um...  
de um Fulni-ô mais simples, né.  
Eu nasci em uma casinha de palha,  
por exemplo.  
Eu não encontrei mais  
casinhas de palha.  
Né?  
Eu já encontrei uma... uma mudança,  
um modernismo maior,  
né?  
E se eles estão esquecendo, ou  
se não estão valorizando, se os Fulni-ô jovens  
não estão mais preocupados com a cultura,  
por que eles valorizariam o que estou fazendo?  
Porque já existe um pensamento individual.  
Né?  
Para eu falar disso para eles,  
que eu chego a falar,  
aí eles repetem:  
"Pois é, por que você não mora aqui então?"  
Eu digo: "Porque eu tenho uma história  
diferente da sua.  
Você sabe que,  
quanto mais... você descobre as coisas,  
quanto mais sabe,  
mais sofre, né?"

Mais importante você se sente.  
Por incrível que pareça.  
Minha mãe sofria menos que eu,  
muito menos.  
Porque ela não tinha noção do que é  
isso aqui, do que é o mundo,  
do que é uma visão da complexidade  
da sociedade, do mundo.  
Então, minha mãe sofria menos.

*Enquanto João esteve ausente,  
o Parque Indígena do Xingu foi fundado  
e a cidade de São José surgiu nos seus limites.  
De volta à tribo adotiva,  
ele passou a frequentar o vilarejo,  
como boa parte dos Kayapó.  
A cada visita, João se hospedava  
na casa de parentes  
que deixaram Luciara  
para trabalhar na região.*

Lá em Luciara, eles me deram essa  
informação de que o João trabalhava com...  
Na balsa.  
Na balsa, né.  
É, meu pai contava a história dele.  
Ele convivia muito aqui, né?  
Pela distancia devia conviver muito aqui.  
É, ele ficava...  
Tem o hotel Xingu da minha mãe,  
sempre ele ficava lá,  
ficava muitos dias aí.  
Quando ele cansava de ficar  
com os índios ele vinha.

Ficava uma semana, duas  
e voltava de novo.  
Entendo, você tem... você tem foto dele?  
Documento?  
Eu tenho a identidade dele.  
O Bedjai entregou a identidade dele para nós.  
Como éramos parente, ele nos entregou.  
Acho que ela está no escritório aqui, a identidade.  
E as coisas dele?  
As coisas dele eles colocaram no velório.  
Os índios colocam tudinho: as roupas, bolsas, malas,  
colocam tudo em cima da... da sepultura dele.

Ela estava aqui... acho que está lá em casa,  
não está aqui não. Levaram para lá.  
Quando vocês voltarem do Xingu  
eu mostro ela para vocês.  
E aqui ó, quem são?  
Me chamou a atenção.  
Tem foto do Raoni novinho  
aqui com quinze anos.  
Você vê tantas fotos  
e o João não está.  
Pois é. Dificilmente ele...  
Olha a balsa aí: essa é a balsa  
na qual meu pai trabalhava na época.  
Essa balsa aqui?  
Então o João trabalhou nela,  
provavelmente, nessa balsa aqui?  
É, nessa aqui.  
É a balsa mais antiga.

Você mora numa aldeia onde você tem  
que sobreviver da caça e do peixe.

De repente você vai para um mundo onde  
tem Coca-Cola, onde tem arroz, onde tem macarrão  
e onde tem frango, as coisas que  
eles mais gostam, né? E café.  
E para ele levar essas coisas  
para lá ele tinha que ter dinheiro.  
Você sentia ele confuso,  
dividido nesses dois mundos, é isso?  
É porque ele acostumou com as nossas coisas,  
mas porém as suas raízes estavam lá.  
A sua mãe que o criou,  
a família dele era os Kayapó, na realidade.  
O primeiro dia que ele chegava,  
a forma como ele se alimentava era..  
Era até bom de se ver.  
Porque eu gosto de pessoas que... Sabe?  
Ele tinha a necessidade do arroz, do feijão,  
demais, do café, ele enchia o copo de café,  
como os Kayapó fazem... faziam,  
hoje estão mais... mais civilizados, né?  
Mas na época era assim.  
Mas ele falava dessas dificuldades, o João?  
Ele chegava a falar dessas dificuldades?  
Ele não falava mas ele vinha  
e falava: "Pedro, é que...  
eu tenho que arrumar dinheiro  
para comprar isso e aquilo."  
Então, não falava que...  
Mas dizia que precisava, aí meu pai falava:  
"Então vamos para a chácara, você trabalha  
um mês, eu te pago e você compra suas coisas".  
E ele virou aquela coisa:  
nem índio, nem branco.  
Entendeu?

Oi.

E aí, você está aonde?

Não foi para o Ouricuri não, né?

E a aldeia já está esquisita?

A aldeia já está esquisita assim de...

de gente?

Mas já tem gente mudando para o Ouricuri?

Heim? Já tem gente indo para o Ouricuri, se mudando?

Eu lembro que quem fazia isso era a minha mãe.

Ela ia... Num instante ela ia.

Quando eu estou lá, tenho saudade daqui e

quando estou aqui, tenho saudade de lá.

Eu vivo esse... esse problema.

Lá onde eu fui criado, onde eu brinquei, onde eu... nasci.

Eu vivo essa confusão de pensamentos,

de sentimentos, né?

Isso nem mesmo eu compreendo.

O porquê.

*Em Luciara, Thini-á convidou José*

*a visitar pela primeira vez*

*a tribo adotiva do seu irmão.*

*Para levar José até a aldeia de Bedjai,*

*passamos mais uma vez pela balsa que*

*dá acesso ao Parque Indígena do Xingu.*

*Nessa balsa,*

*entre uma margem e outra,*

*João repetia a passagem entre dois mundos.*

Olá.

Como vai?

Boa tarde.

Boa tarde. Tudo bom?

Bedjai.

Esse aqui é irmão do João.

Esse é Bedjai.

Você que é o irmão do João?

É, seu José.

Nós viemos para ver se a gente mostra para ele também o...

Cemitério?

É, o lugar onde o João foi...

Enterrado.

Foi enterrado, é.

Tá bom, vamos lá.

Ele queria conhecer. Perguntei:

“Você gostaria de conhecer?”

“Sim, gostaria de conhecer.”

Tá bom, muito bom.

Eu queria também conhecer vocês,

que moraram muitos anos com ele.

Tá bom, obrigado

É, ele falou que gostaria de conhecer mesmo.

Tá bom. Vamos lá. Depois nós vamos lá

para você ver meus garotinhos,

todos crescidos,

todos que seu irmão carregou.

Ele, ela... Todo mundo já cresceu.

Pay, esse é o irmão do seu tio.

Aqui está ele, o irmão do Nhudjare (João).

Essa aqui é outra filha minha.

Oi, tudo bom?

Prazer.

José.

De onde ele vem?

De Porto Alegre do Norte?

Não.

Tocantins.

Tocantins.

Os brancos moram longe.

E agora? Ele só veio ver você?

Ele veio para nos encontrar e  
para visitar o cemitério.

Olha, é minha filha essa aqui.

Vem cá.

Ele é o irmão do seu tio.

Vem cumprimenta-lo.

É essa aqui que ele sempre carregava,  
quando era pequena.

É mesmo?

Vem cá cumprimenta-lo.

Prazer.

Tudo bom?

Aí vem outra.

Minha outra irmã.

Tudo bom?

Prazer.

João...

Bom, é esse aqui, o cemitério do João.

É esse aqui.

O cemitério dele é esse aqui.

Nós o enterramos com nossos enfeites...  
das festas que ele participou.

Entregamos tudo pra ele. Ele está...

contente, com nós, ele viveu com nós,  
cresceu no meio da gente,

acostumou à nossa vida, nossos costumes.

Está aí. Entregamos tudo que  
ele participou. Está aqui.

Quando você quiser ver ele de novo



pode vir,  
está aqui, eu não vou sair,  
estou junto com ele,  
tá bom?  
Tá bom.  
É, está aí.

*O documento de identidade finalmente é encontrado.  
Foi emitido em Brasília, onde levaram João  
para um tratamento médico.  
Ele morreu no hospital pouco tempo depois,  
com 70 anos.  
É a primeira vez que vejo João.  
Os Kayapó enterram os pertences  
de seus mortos com o corpo.  
Talvez ele não quisesse ser visto nessa foto.  
Descendo o rio Xingu até o coração da reserva,  
descobrimos a paisagem que João conheceu  
quando era pequeno.  
Voltamos no tempo.  
Entre pastos e campos de soja,  
a reserva do Xingu resiste  
como uma pequena ilha verde.*

João morou conosco.  
Ele morou conosco.  
Ele era como um filho para mim,  
e para meus irmãos.  
Um pouco mais tarde,  
me disseram que...  
...que o João estava doente.  
Foi assim que descobri que ele estava doente,  
que ele não estava bem.  
Quando João morreu,

falei para meus parentes e meus filhos  
trazerem o corpo de João  
para que ele fosse enterrado aqui.  
Porque criamos ele entre a gente,  
como um filho.  
“Por isso vocês têm que trazer  
o corpo dele aqui,  
para enterrar ele aqui, perto da gente.”  
Foi assim que aconteceu, Thini-á.

Eu fui até Luciara e lá entrevistei muitas pessoas  
que conheceram o João.  
Disseram que ele voltou para lá  
e não conseguiu se adaptar.  
Né?  
Ele tinha saudade dos Kayapó.  
Ele tinha saudade daqui.  
Ele não conseguia falar mais  
o português fluente, né?  
Ele tinha muita saudade.  
Aí, eu fiquei até... emocionado quando ouvi aquilo,  
eles dizerem que o João chorava...  
não conseguia...  
“Eu tenho saudade dos Kayapó.”  
E muitas vezes eu também  
fiquei emocionado com isso.  
Essa saudade me motivou muito.  
Até porque eu tenho uma história  
de ter saído do meu povo  
e eu lembro da saudade que eu tinha  
de voltar para os meus parentes,  
pro meu povo.  
Por mais que o mundo do branco  
seja um mundo individual,

do "salve-se quem puder"...

E no mundo dos meus,  
por mais que já tenha entrado  
muita coisa da cultura do branco,  
a gente ainda consegue dividir com o outro,  
ainda consegue viver em comunidade  
e ver a fome do outro, cuidar do outro.

E é isso que me motivava  
e que me faz querer voltar,  
cada vez mais rápido para o meu povo.

*No fim da viagem, Thini-a me conta  
que está decidido a voltar para a sua tribo.  
Estamos no início de setembro.  
Em três dias, ele se une aos Fulni-ô no Ouricuri.  
Pergunto a Thini-á se posso acompanhar o ritual.  
Ele me diz que não.*